

## O passado e o presente das histórias com dados

Olá, e sejam bem-vindas de volta ao Módulo 6. Este é o vídeo 2. No primeiro vídeo fizemos uma apresentação sobre o que é contar histórias com dados e o que fazemos no The Pudding e como isso se encaixa em um panorama maior de narrativa. E neste vídeo, vamos passar por uma breve aula de história, uma linha do tempo acelerada de narrativa com dados e trazer você até os dias atuais.

Primeiro, vamos dar um passo para trás. Como chegamos onde estamos hoje? Vou mostrar alguns dos clássicos ou titãs, os pioneiros da narrativa com dados. Primeiro, há o mapa de cólera de John Snow, onde ele mapeou a incidência da doença e combinou isso com a casa de bombas central em Londres. Depois há o gráfico de rosa de Florence Nightingale, em que ela olhou para a relação cíclica de mortes no exército durante a Guerra da Crimeia. E, finalmente, a marcha de Charles Joseph Menards, a marcha de Napoleão, que analisa os números de tropas pelas diferentes larguras neste diagrama.

E a razão de eu mostrar isso a vocês é 1: para que eu possa fazer a nerd com vocês e dizer o quão legal eles são. Mas 2: que estamos sobre os ombros de gigantes, ainda que isso soe excessivamente dramático. É importante reconhecer de onde viemos, mas também para onde estamos indo, porque o campo do jornalismo de dados e da narrativa com dados está continuamente construindo e aperfeiçoando sobre as bases de trabalhos anteriores.

Vamos saltar adiante um pouco, bem para a frente, para um lugar para onde muitos de nós podemos traçar nossa primeira experiência moderna mainstream com histórias com dados na web. E são aqueles infográficos super longos, atraentes, em uma única imagem. Eles foram modelados a partir de pôsteres de páginas inteiras de jornais, onde o espaço para o design é mais vertical do que horizontal. E quando eu trabalhei com paginação de jornal, eu mesma desenhei vários destes. Só para ser honesta sobre isso. Aqui está um que fiz quando trabalhava no The Huffington Post.

E a razão para que estas coisas, esses infográficos longform comecem a cair em desuso foi 1: a web simplesmente não é um meio impresso. Imagens longas não eram a melhor maneira de comunicar informação. O texto não escalava e se tornava ilegível, especialmente quando eu passava do desktop para móvel. A segunda coisa que aconteceu foi que esse formato foi cooptado por empresas de marketing e os dados perderam espaço para as ilustrações ou eram completamente deturpados. Assim o campo da narrativa com dados, que está enraizado na veracidade, afastou-se deste tipo de apresentação.

Claro, e então veio o Snowfall. Foi um mega projeto visual do The New York Times em 2012, e foi uma das primeiras vezes que fotos, texto e gráficos foram perfeitamente e elegantemente integrados na web. Você pode vê-lo aqui à medida que rolamos para baixo. É simplesmente uma maravilhosa obra de jornalismo e ainda se sustenta como tal até hoje.

Mas mesmo Snowfall sendo tão envolvente e inovador, a maioria dos leitores do New York Times sequer foram até o fim dele. E por isso a narrativa visual teve que continuar evoluindo. Temos que operar sobre o princípio de que se uma árvore cai na floresta e

ninguém está por perto para ouvir, a queda faz barulho? Não é suficiente apenas produzir uma história com dados de qualidade. Temos que garantir que estamos encontrando nosso público onde nosso público está.

Depois do Snowfall, a narrativa com dados fez avançar os limites da tecnologia. Fizemos tudo - tudo interativo e clicável e filtrável e aparecendo com a passagem do mouse e animado. Em 2017, Gregor Aisch, que era parte da equipe de interatividade do The New York Times e agora está no DataWrapper, revelou que 85% dos visitantes do site do NYT simplesmente ignoravam os infográficos interativos. Agora, isso não significa que não devemos fazer gráficos interativos e na verdade, vou falar sobre isso em outro vídeo. Mas, novamente, isso significa apenas que temos de evoluir e encontrar nosso público onde ele está. A maior conclusão a partir disso é que não devemos fazer nosso público trabalhar tanto. Não devemos esconder informações importantes por trás de um clique. E devemos garantir que a experiência do público seja tão simples e integrada quanto possível.

Então, com o que uma história com dados se parece hoje? Bem, não há nenhuma fórmula mágica. Visualmente, histórias com dados podem ser muito diferentes, mas em sua essência, as mais bem-sucedidas frequentemente começam com uma pergunta. Vamos dar uma olhada em algumas categorias gerais de histórias com dados e ver como cada uma se apresenta. Estas não são de modo algum as únicas maneiras de apresentar e contar uma história com dados, mas são apenas alguns dos padrões mais reconhecíveis que estamos vendo por aí hoje.

O primeiro tipo de história com dados sobre o qual vamos falar é algo conhecido como scrollytelling, e no The Pudding isso é algo pelo qual somos conhecidos. É uma técnica em que a história se desenrola linearmente com animações à medida que o leitor desce a página. E em vez de alternar entre gráfico e texto, texto e gráfico, os dois estão em camadas e integrados. E o scrollytelling tenta trazer a história diretamente para o leitor. Muitas vezes estamos segurando a mão dele por um processo de passo a passo, e porque os leitores estão rolando para baixo em vez de clicando, é algo mais suave.

Primeiro, vamos dar uma olhada em um projeto que Russell Goldenberg fez com The Pudding sobre a NBA e como a liga ficaria se você convocasse todo mundo. E aqui está a parte de scrollytelling. Ela leva você a todos os picos e depois aonde eles de fato foram parar em suas carreiras.

O segundo exemplo é da Reuters. Ele olha para o envelhecimento da população do Japão, e à medida que você rola para baixo, pontos diferentes na linha são destacados e se combinam com as anotações que surgem no lado esquerdo da tela. A razão pela qual eu realmente, realmente adoro este é que aquelas linhas pequenininhas parecem fios de cabelos e elas me lembram uma pessoa idosa.

O segundo tipo de agrupamento que vamos olhar nas histórias com dados é o que às vezes chamamos de micro-histórias. Se scrollytelling leva essa abordagem de alta tecnologia para a narrativa com dados, micro-histórias têm uma abordagem analógica mais simples, muitas vezes com um enredo hiper focado.

Aqui está um ótimo exemplo de Mona Chalabi. Ela é uma ilustradora que usa Instagram como sua plataforma para divulgar dados. Essa olha o número de casos de sarampo que estão aumentando e ela desenhou um ponto em um pequeno bebê para cada caso. E podemos ver, obviamente, que 2014 foi um grande ano para o sarampo.

Outro ótimo tipo de micro-histórias com dados é um projeto chamado Dear Data ("queridos dados"), onde Giorgia Lupi e Stephanie Posavec trocaram cartões postais entre elas e ilustraram seu dia-a-dia. Este está um pouco mais no âmbito da arte com dados, mas ainda é muito, muito hiper-focado, e cada um destes cartões postais contém a sua própria micro-história.

A próxima categoria abrangente para a qual queremos olhar nas histórias com dados é algo que estamos denominando amplamente como não tradicional. São histórias que não se parecem com histórias com dados tradicionais em nada. Elas não apresentam gráficos tradicionais e em vez disso usam imagens, vídeos e tecnologia emergente como realidade aumentada e realidade virtual para contar a história.

Aqui está um do The New York Times que analisa as fotografias que foram tiradas durante a missão na Lua da Apollo 11. E esta é a parte de ouro da história. É novamente scrollytelling, mas neste caso, os dados são de fato onde estas fotos foram tiradas. É a própria obra guia você por cada foto e você pode ver no espaço exatamente o que os astronautas viram no espaço.

Outro grande exemplo dessa narrativa com dados não tradicional é um vídeo de Josh Begley chamado Concussion Protocol. Este vídeo analisa cada concussão na NFL em 2017 e 2018. Vamos dar uma rápida olhada no vídeo agora.

Mais uma vez, o vídeo não tem nenhum gráfico e não se parece com o que você esperaria de uma história com dados, mas em sua essência ainda é sobre dados, apenas a apresentação é diferente.

A última categoria ampla de histórias com dados que vamos ver é algo que estamos chamando de explicadores, e é algo que as pessoas podem não chamar de histórias com dados por causa disso. Mas, assim como uma boa história com dados, estes também começam com uma pergunta. Desta vez, essa pergunta é frequentemente "como" em vez de "por que".

Aqui está um dos melhores exemplos de uma peça explicadora. Chama-se The Parable of Polygons, de Vi Hart e Nicky Case - você é guiada pelo tema da segregação por estes adoráveis pequenos quadrados e triângulos. E eles tornam um tema muito complexo e muitas vezes controverso bem mais próximo ao leitor.

O próximo exemplo é How to Tune a Guitar, de Matthew Conlan e Alex Kale. Esse se inspira naqueles livros com partitura de violão que você usou quando era adolescente tentando aprender a tocar Green Day e em vez disso ensina como afinar o violão de forma

interativa. E você pode interagir com este violão e realmente afinar por você mesmo. Clicar em todos os acordes. Embora ele não esteja contando uma história completamente linear, ele está contando uma história muito específica e ensinando algo no processo.

Então agora você já viu alguns exemplos de que tipos de histórias com dados existem por aí. No próximo vídeo, vamos dar uma olhada no que faz uma boa história com dados.